

**ROYAL CONCERTGEBOUW  
ORCHESTRA AMSTERDAM****Orquestra Estágio Gulbenkian, Semyon  
Bychkov (d), Katia e Marielle Labèque**

Gulbenkian, Lisboa, dia 21 de fevereiro

Beleza, drama, profundidade, lirismo e gigantismo são palavras que ocorrem facilmente ao presenciar a forma como Semyon Bychkov (São Petersburgo, 1952) dirigiu os 45 minutos da quinta sinfonia de Shostakovich à frente da orquestra do Concertgebouw de Amsterdão, numa obra que proporciona extraordinárias oportunidades de exibição a todos os naipes instrumentais, sem exceção. Muito dúctil sob a batuta do maestro russo foi esta 'máquina' instrumental de precisão infalível, a merecer dilatada aclamação por parte da assistência que esgotou o auditório. Dificilmente se conceberia um maior grau de refinamento na interpretação da sinfonia do que aquele oferecido por Bychkov e pela orquestra holandesa fundada há 130 anos e dirigida por maestros como Mengelberg, Van Beinum, Haitink, Chailly e Jansons. Esta formação

dispensa apresentações, tendo atuado em Lisboa integrada em alguns dos memoráveis ciclos das Grandes Orquestras Mundiais, tal como sucedeu em 1994, altura em que interpretou a "Sinfonia nº 7" de Mahler sob a direção de Chailly. Na primeira parte do espetáculo, 40 jovens músicos portugueses da Orquestra Estágio Gulbenkian reuniram-se aos instrumentistas holandeses para tocar o Prelúdio da ópera de Wagner "Os Mestres Cantores de Nuremberga". Desde 2016 que a iniciativa batizada como RCO meets Europe tem levado a orquestra do Concertgebouw a atuações deste tipo em cada um dos 28 Estados-membros da União Europeia. Ainda na primeira parte, as pianistas francesas Katia e Marielle Labèque interpretaram uma peça que raramente é escutada, o "Concerto para dois Pianos e orquestra", Op. 88a, composto por Max Bruch em 1912. Igualmente invulgar é a atuação em simultâneo de irmãs e de cunhado (Bychkov é casado com Marielle Labèque). O concerto de Bruch permitiu apreciar as diferenças no *toucher* e na interpretação de uma peça pouco brilhante, mas o que propiciou às Labèque o seu momento de teatralidade foi o *encore* "Four Movements for 2 Pianos" de Philip Glass. / **ANA ROCHA**